



**Ministro
Francisco Peçanha Martins**
Superior Tribunal de Justiça



Abertura

Meus senhores, minhas senhoras, como viram, aguardávamos todos, a presença do Ministro Edson Vidigal, para presidir a solenidade de abertura.

Por uma circunstância temporal, é que aqui me encontro. E não é uma circunstância das mais agradáveis, por que ela se deve ao fato de ser o mais antigo, presente.

Mas vejam. Voltar ao Nordeste de onde saí, para mim é muito agradável. Acredito que também para todos os senhores. Aqui, somos bafejados por esta brisa magnífica, que dizem, nos vem da África.

E, hoje, nos reunimos, para discutir uma matéria que diz muito de perto ao interesse brasileiro de soerguimento ou estabilidade da nossa economia, que versa sobre os **ASPECTOS JURÍDICOS E ECONÔMICOS DA SONEGAÇÃO FISCAL**".

E ali, descansando do almoço, me veio à mente uma lembrança de um filme magnífico que assisti na juventude, chamado de **"Guardas e Ladrões"**, do genial De Sicca, com Aldo Fabrizzi e Totó. Passava-se naqueles dias que sucederam a Segunda Guerra Mundial, na Itália, onde o Totó encarnava o contrabandista, e o Aldo Fabrizzi o policial. Vivia toda a trama às turras. Mas era - como se diria - uma terra que não se revestia de violência.

Vejam. Alguns de nós estamos aqui vindos de Brasília. E, em Brasília, não conheço quem não tenha ainda freqüentado, a famosa "Feira do Paraguai". Não sei se os chamados "Xerifes" do Tesouro Nacional não conhecem a Feira.

Mas, me recordo que alguns dos nossos colegas - e eu próprio até já me socorri, comprando anzóis, que me possibilitassem pescar em Itaparica. A verdade é que a Feira oferece de tudo.

E ontem, em conversa a noite, eu referia o exemplo da feira, e lembrava-me o anfitrião - aquele que nos propicia todos esses encontros agradáveis, que essa Feira se repete na Avenida Rio Branco, como se repete na Avenida Paulista, e em todas as cidades brasileiras existe, hoje, uma Feira do Paraguai.

E estamos também, todos leitores que somos dos jornais, acostumados a ver que, de quando em quando, o Paraguai entra em crise com o Brasil, todas as vezes que o Dr. Rachid determina fiscalização mais efetiva na famosa Ponte da Amizade.

É que a sobrevivência de grande parte das populações, não só Paraguai, mas, também, brasileira, naquela fronteira, depende de um crime fiscal: o **Contrabando**.

E o que é pior. Hoje, em todos os recantos que vamos – e fui surpreendido também, entrando num restaurante, em Brasília, no último domingo, me foram oferecidos filmes de ultima geração. Perguntei:

- Foram fabricados aonde?

- Foram importados. Alguns até importados da China, que é a grande fonte do contrabando de quinquilharias.

A verdade é que estamos todos assistindo a este fenômeno - e os jornais, talvez até alertados por aqueles que se encarregam de encher os depósitos do Governo, na arrecadação - na economia, chamada “Informal”, em níveis que já superaram o razoável.

Lembro-me, também, que, quando se discutia o Regime Soviético, até se indicava que as fábricas funcionavam em 3 estágios: a primeira era do Estado. As segunda e terceira eram em regimes extraordinários. Eram aquelas fábricas que faziam com que a própria população soviética se abastecesse, via produtos fora da tributação ou fora do controle do Estado. E dizem que isso teria atingido até 60%. Aqui, as últimas notícias, pelo menos, nos revelam 51%, o que é alarmante.

Mas, vejam! Por que isso acontece? Ou por que isso está acontecendo?

E eu me valho, até, do próprio exemplo do filme. Um filme comprado em qualquer loja, ou um disco – e não vou dizer quem me disse, mas foi uma informante categorizada - está custando de R\$ 30,00 a R\$ 40,00. Se for uma novidade, ou aqueles ainda que estariam por lançar, ou, apenas lançado nos cinemas, R\$ 40,00. E, os mais baratos, até por R\$ 25,00 na promoção, como o comércio costuma dizer. E aquele vendido na porta do Restaurante custava de R\$ 10,00 a R\$ 12,00.

A primeira pergunta que se faz: Aquelas empresas que estão imprimindo esses discos estão falidas? Ou, ao contrário, estão utilizando-se da prática de aumentar os seus preços para auferir sempre maiores lucros, relegando a prática de Henri Ford? Acredito que sim, porque todas as impressoras de discos – e quando digo discos me refiro tanto a filme quanto à música, elas continuam e

continuam dando lucro, talvez nem tanto quanto desejariam ter. Mas é um fenômeno que está acontecendo muito nos clubes sociais do Brasil. Há apenas uma parcela que paga – os cumpridores rigorosos dos seus deveres - e as mensalidades crescem exageradamente.

E me recordo, então, de um dos amigos que fiz, o Professor Aliomar Baleeiro, que dizia que a **“ação tributária correspondia a eterna briga do Estado x cidadão. De permeio, o egoísmo, que marca a vida do homem”**.

Vejam, num momento mesmo em que se estabeleceu, pela progressão fantástica na reprodução dos homens, e na aglutinação que tivemos de fazer para enfrentar intempéries, em que se cunhou, então, a moeda, como uma forma de fazer mais efetivas as trocas, pois bem, daí - dizem aqueles os chamados capitalistas, surgiu o sistema do qual o homem não pode se afastar, porque a moeda seria, e é, aquele bem que compra qualquer dos outros imaginados, e até consciências, temos visto.

O fato é que, em função disto, e por necessidades impostas pela aglutinação dos homens em sociedade, se fez necessário arrecadar. Arrecadar tributos. E essa arrecadação se fez, a princípio, pela força. E, naqueles países ditos civilizados, pela persuasão, alguns deles, que se deixaram mesmo sucumbir a sistemas *indesejáveis* – e há pouco, por exemplo, tivemos a comemoração de um deles, o Nazismo - esses impunham também, e com penalidades as mais pesadas àqueles infringentes da norma tributária.

Outros, mais liberais, ou que diríamos nós, governos democráticos sem apelidos, têm uma melhor contemporalização, com o chamado **“Egoísmo humano”**.

A verdade é que, na nossa Economia temos uma sonegação – que diria – avançando percentagens muito altas. E o que me faz assim pensar?

É que fui determinada vez pagar uma obrigação a um profissional liberal, e a sua assistente-cobrador me perguntou se queria pagar com ou sem nota?

Claro que exigi a nota, e como funcionário da Petrobras, era assistido da Petrus, que cobriu a despesa.

Evidentemente não era um criminoso que impusera esta regra, mas, um cidadão prestante. Da mesma forma que também não será um criminoso aquele cidadão que comprou na Feira do Paraguai.

E eu fico imaginando, então, a agonia do nosso xerife. Do cobrador. Eu estou chamando “xerife” porque também fui apelidado assim quando Corregedor na Justiça Eleitoral, ainda que prefira “Delegado”.

A realidade da vida brasileira nos conduz, hoje, a uma realidade tributária, quem sabe, dizem alguns “pesada”. E quanto mais onerosa a carga tributária, maior a sonegação. Esta é uma regra que se observa, digamos, ao longo da história. Talvez seja essa a causa; não sei.

Enfim, estamos aqui, hoje, para discutir *Aspectos Jurídicos e Econômicos deste grande mal - a Sonegação Fiscal*.

Serei um ouvinte interessado porque, não obstante voltado ao Direito, continuo, sim, interessado nas coisas do meu país, da política do Brasil, sem partidarismos.

E esse me parece ser um momento importante a que se discuta, quando, afinal, reingressamos num sistema de plenitude democrática.

Acredito muito que as soluções só aparecem quando os homens as discutem para se entenderem. Esse é o sistema que vejo, pelo menos quanto a mim, o ótimo. E, não temos outra escolha senão continuar vivendo, labutando, e prazerosamente, no Brasil.

Os senhores são todos especialistas. Temos, aqui, os cobradores. Temos os juristas que se encarregam de fazer a cobrança, homens que aplicam a lei, julgando as condutas, e, sobretudo, até, um grande hoje conhecedor da “lavagem” do dinheiro, outro grande mal que nos acomete – aliás, não é só a nós, é à humanidade inteira, já que as drogas assumiram proporções gigantescas.

Enfim, é mais uma oportunidade que temos de aprender, e quem sabe, até, de aprender, discutindo.

Estejam certos, todos, de que é um prazer enorme aprender com os senhores. Espero que a nossa estada, neste aprazível hotel do nosso Recife querido, seja a mais agradável.